

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL
DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

30 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros, 1\$500 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 28 DE MAIO DE 1882 — N.º 14 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros, 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.
São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Line & Fare**, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—Os caçadores furtivos. Uma rua em Narni. A morte do mineiro. A boceta de Pandora (gravura do romance).

TEXTO:—Actualidades, por Pharis. As nossas gravuras, por P. C. Rosicler, por C. de Abreu. Uma noite nas nuvens, trad. de J. de Magalhães. Um passado tenebroso

ACTUALIDADES

É uma coisa singular o geito extraordinario que ha em Portugal para desmanchar vocações. Á pri-

trasmem decidida capacidade, e em que poderiam ser realmente notaveis e uteis á nação.

Pois é inteiramente o contrario que se faz.

Parece mesmo que a tal auscultação se effectua

pecem a cada passo nos barrancos dos caminhos desconhecidos.

E' muito original isto, mas é muito disparatado, e é o que se faz sempre. D'ahi nasce fatalmente uma



OS CAÇADORES FURTIVOS

meira vista parece que um paiz devia auscultar os talentos que pelo seu brilho, pela sua força, se destacam da grande massa dos milhões de habitantes, em qualquer das variadissimas esferas da actividade humana, estudar-lhes a indole, as tendencias, e applicar-lhes logo áquelles cargos para que elles mos-

sempre, mas com outro fim: o de desviar completamente do seu caminho as intelligencias preevilegadas, de descarrilar as vocações dos rails em que corriam com toda a velocidade do grande impulso das tendencias naturaes, para as obrigar a caminhar a passo por estradas inteiramente oppostas, donde tro-

grande confusão nas funções sociaes, uma deslocação completa das forças intellectuaes do paiz, que se dão a um trabalho colossal, esmagador, para na grande maioria das vezes chegarem a um resultado mediocre.

Ora n'este mundo não ha ninguem completamen-

te inútil e incapaz: ha por exemplo — para que citar nomes, — uma immensidade de detestaveis actores, que seriam excellentes artifices e até magnificos segundos officiaes de secretaria; ha poetas melancolicos que dariam veterinarios esplendidos, estadistas mediocres, que poderiam ser alfayates de primeira ordem, barbeiros sanguinolentos que dariam oradores de mão cheia, padres devassos que dariam excellentes chefes de familia, maridos pacientes que poderiam ser exemplares curas, financeiros desastrados que tem dentro em si a alma de marcanos de tenda, medicos tenebrosos que seriam activissimos e risinhos cangalheiros, generaes pacatos que seriam magnificos andadores das almas, advogados sornas que seriam amanuenses distinctissimos, policiaes loquazes que seriam ruidosos deputados, e deputados silenciosos que seriam uns policiaes ideaes, juizes de tribunal que seriam integros juizes de irmandade, guerreiros em que se perderam guardas nocturnos, auctores dramaticos em que se perderam auctores de novenas, jornalistas em que se perderam distribuidores, altos funcionarios em que se perderam baixas funcções, etc., etc., etc.

A questão toda está em sabel-os escolher.

E' o caso d'uma loja de algibebe.

Entra-se lá: pelos cabides estão pendurados numerosos fatos feitos completos.

Um freguez sensato, esperto, habil, examina cada um d'esses fatos de per si, vê qual d'elles lhe assenta bem, escolhe esse, e vem para a rua com um casaco que está á vontade no seu corpo e no qual o seu corpo está á vontade, o fato faz bello effeito, e quem o veste tambem; um freguez inhabil pega em qualquer dos fatos ao acaso e veste-o: as pernas dançam-lhe dentro das calças, a barriga arrebatada-lhe os botões do colete estreitissimo, a sobre-casaca põe-lhe a cintura pelas curvas do Joelho e fal-o tropeçar a cada momento.

Um freguez idiota, vê minuciosamente os fatos e escolhe exactamente aquelle que está a jogar a pancada com o seu corpo.

Pois o estado é esse freguez idiota. Quando tem que vestir a algum dos seus servidores o fato do funcionalismo, entra nas lojas de algibebe que se chamam secretarias, leva debaixo do braço a medida do corpo do funcionario a vestir, e escolhe para o sr. general Macedo as calças do sr. conselheiro Nazareth, e para o sr. conselheiro Sampaio a sobre-casaca do sr. Anselmo Braamcamp.

Ora esta protecção paternal dada á vocação natural entre nós manifesta-se em tudo, com tal insistencia e tal sinceridade que dispensa qualquer demonstração, e nós dispensando-nos d'essa demonstração qualquer, tratamos apenas de mostrar a que proposito vem isto aqui. Vem a proposito d'um facto muito triste para nós e para as lettras portuguezas, d'um facto que nos privou da camaradagem excellente d'um dos nossos mais alegres e leaes companheiros, e que afastou para longe da litteratura um dos escriptores mais possantes, de mais delicada e litteraria verve, de mais brilhante e espontaneo talento, que tem apparecido ultimamente no nosso pequeno mundo litterario. Esse facto, já o advinharam decerto, foi a nomeação para consul de Portugal em Bordeaux de Jayme Seguiet, do scintillante Iriel da *Folha Nova* e do *Jornal do Domingo*.

Entretanto, urge que façamos já uma declaração categorica e ante politica: — isto não é de forma alguma uma aggressão ao governo por ter nomeado

para um cargo importante um rapaz de talento excepcional e de caracter dignissimo.

Deus nos livre de tal.

O governo fez muito bem em nomeal-o, olha que novidade! Não se apanham por ahi todos os dias talentos d'aquella ordem para o funcionalismo portuguez; o corpo consular ganhou mais uma illustração de primeira ordem para collocar ao lado de Eça de Queiroz; Jayme de Seguiet hade fazer fatalmente um esplendido logar de consul, mas isso é que é o mau, isso é a desgraça; porque no fim de contas a sacrificada ás suas glorias do funcionalismo é a litteratura, e é em nome da litteratura que nós protestamos aqui.

E quanto mais bem desempenhado fôr o logar de consul por Jayme Seguiet, que graças a Deus nunca até hoje mostrara a mais ligeira vocação para essa engratada carreira, mais argumentos teremos a favor do nosso principio de auscultação.

Isto não se demonstra com a logica, demonstra-se com a arithmetica.

Se Jayme Seguiet sem vocação alguma consular, dois pontos assim: dá um magnifico consul, quatro pontos: ; Jayme Seguiet com a sua esplendida vocação litteraria, outros dois pontos assim: que litterato extraordinario não daria. E fiquem-se a desenvolver a equação, e depois acompanhem-me na maldição indignada contra este paiz que não ausculta as vocações, e que faz Seguiet consul e me deixa a mim a fazer as *Actualidades* no *Jornal do Domingo*, em vez de mandar para aqui o brilhante Iriel, e me enviar a mim para Bordeaux.

PHARÉS.

AS NOSSAS GRAVURAS

Os caçadores furtivos

Eis um delicto que se pode dizer que é em Portugal completamente desconhecido. Não ha em Portugal delictos de caça, porque até se pode dizer que não ha legislação de caça. Nunca as nossas leis, foram muito severas com esse genero de crime. Quando a legislação franceza o punia, na idade media, com a pena de morte, em tempos mais modernos com as galês, em Portugal, mesmo no tempo em que a legislação era mais dura, apenas se punia com multas, aggravadas, em casos mais graves, com a prisão, ou com o desterro para terras proximas. Affonso V, em ordenação de Santarem de 23 de maio de 1474, aggravou as penas contra os que lançavam fogo ao mato, ou cortavam madeiras sem licença, ou não respeitavam a caça defeza. Havia coutadas onde só se prohibia a caça durante certos mezes, tal era a coutada de Muge, pertencente ao municipio, mas sujeita, a requerimento do proprio concelho, á jurisdicção do monte-mór, e onde lebreus e furões não podiam entrar nos mezes de março, abril e maio, a coutada de Cintra onde se prohibia absolutamente a caça de 1 de março a 24 de junho. Na coutada de Mira não se podia pescar trutas na lagôa senão em sitios marcados. A caça e pesca estavam alem d'isso sujeitas a certas prescripções e a certos prazos que impediam que se destruísse nos seus germens a riqueza futura dos bosques e dos rios. Pagava cem reaes de multa quem matasse cysnes na lagôa de Athougua. Alem das penas pecuniarias, Affonso V, infligia aos infractores da lei penas de prisão, de desterro para Arzila e para Tanger.

Note-se porém uma coisa: estas disposições das *Ordenações Affonsinas* tinham por fim quasi exclusi-

vo livrar a caça e a pesca de uma destruição insensata, ao passo que a legislação franceza antiga essa tinha por fim proteger os divertimentos dos fidalgos, o que tornava verdadeiramente odiosas essas leis severissimas, porque era revoltante, que muitas vezes se enforcasse um pobre lavrador, porque matava um veado que lhe devastava as searas. Em Portugal, pelo contrario, queixando-se os lavradores, em 1389 a D. João I, da demasiada extensão das coutadas dos fidalgos, que lhes prejudicava a lavoura devastando-lhes os campos, reprimio D. João I os excessos da nobreza, a ponto que esta resentio-se amargamente. Só em 1789 é que em França os Estados-Geraes legislaram contra esse abuso fidalgo, mas, passando de um extremo a outro, decretaram a liberdade absoluta da caça. Não tardaram a reconhecer os inconvenientes d'essa medida, e uma lei de 1790 tomou providencias contra a despovoação dos bosques pelos caçadores, que era tambem entre nós a legislação de Affonso V. Hoje, porém, em Portugal, apesar de haver uma tal ou qual legislação, caça quem quer muito á sua vontade. Em França a lei cumpre-se rigorosamente, por isso tambem os infractores constituem uma especie de corporação de contrabandistas de um genero especial, os *braconniers*, perseguidos sem piedade pelos gendarmes. A nossa gravura representa um familia de *braconniers* apanhada em flagrante por dois *gendarmes*, que tratam de açoitá-lo e criminoso.

Uma rua em Narni

Narni, cidade de Italia, pertencente aos antigos Estados Romanos, com cerca de quatro mil habitantes, parece estar na mesma situação em que se achava quando Tito Livio escrevia que o terreno em que se eleva era um sitio encantador e pittoresco.

E effectivamente, ao sair-se d'essa pequena cidade, pendurada de um rochedo, entra-se n'um valle delicioso, atravessado pelo rio Neri, cujas aguas são de uma limpidez crystallina. Esse rio banha, serpenteando, os campos mais risonhos, as terras mais primorosamente cultivadas, plantações de amoreiras e de arvores fructíferas de toda a especie, e em alguns sitios bosques de laranjeiras, de limoeiros e de oliveiras.

Esse valle é formado por collinas alcatifadas de vinhas; não se pode imaginar paizagem mais seductora.

Encontram-se sobre o Neri as ruínas de uma antiga ponte, toda de marmore, construida por Augusto, para unir duas collinas. Essa ponte era formada por quatro grandes arcos; só resta um inteiro.

Narni, berço do imperador romano Nerva, foi destruida completamente pelas tropas venezianas, que iam unir-se aos exercitos de Carlos V, quando este cercava o papa Clemente VIII no castello de Santo Angelo em Roma.

Vê-se em Narni um aqueducto de quinze milhas de comprimento, que se rompeu a travessia de montanhas para fornecer de agua a cidade.

A gravura, que hoje apresentamos, copia de um delicioso quadro belga, representa uma rua d'essa pequena cidade italiana, que se distingue tanto pela sua arrebatadora situação no meio de uma formosa e risonha natureza, como por um cunho pittoresco de originalidade.

A morte do mineiro

Um dos dramas obscuros das campanhas do trabalho! Enquanto cá por cima as locomotivas sulcam no seu galope de fogo os montes e as planicies, enquanto os vapores percorrem na sua veloz carreira

as aguas do Oceano, enquanto as machinas da grande industria devoram, no concerto alegre e magestoso das fabricas, o alimento do carvão, por baixo da terra, nas longas galerias escuras, trabalha um exercito de operarios em lucta constante com a morte mysteriosa e terrivel, para arrancar esse carvão de pedra que vae depois dar á locomotiva as suas azas de fogo, aos *steamers* as suas barbatanas de chamas, ao machinismo das immensas manufacturas a sua febril actividade. Ás vezes uma catastrophe terrivel vem chamar a attenção publica para esse grupo de homens dedicados, de trabalhadores esquecidos, mas é necessario que trinta ou quarenta cadaveres se sepultem nas entranhas da terra debaixo de algum formidavel desabamento, para que a tragedia compunja vivamente os leitores dos jornaes, e desperte o sentimento da caridade publica. Mas quantas victimas obscuras não succumbem quotidianamente n'essas campanhas lugubres que se travam debaixo da terra entre a natureza e o homem! Um desabamento n'um poço esmaga um trabalhador, descobre-se o cadaver, trazem n'ó para a superficie da terra, a familia chorosa e afflicta agrupa-se em torno do corpo d'esse desgraçado que tão pouco tempo gozou em vida a luz vivificante do sol de Deus. Os companheiros do fallecido, que sorte identica espera talvez, contemplam com tristeza o camarada que succumbiu na sua lucta ingloria. E as locomotivas, os vapores, as machinas continuam a devorar esse alimento tinto com o sangue de mais uma victima, prosegue no seu trabalho incessante a humanidade, e esses pobres e desconhecidos servidores do progresso continuam a arrancar, á luz de tristes lampadas, das entranhas da terra o carvão que se vae transformar em força civilisadora. Ha apenas mais um nome no martyrologio do trabalho, mais um cadaver no campo de batalha do progresso, e

Que haya un cadaver mas, que importa al mundo?

P. C.

ROSICLER

SENTIMENTOS D'ALMA

Fallo a ti, doce virgem dos meus sonhos!
CASIMIRO DE ABREU.

A ti, limpida estrella; a ti, meu branco lirio,
Que abriste a florea coma aos risos da alvorada;
A ti, que da amplidão do celestial Empyrio,
Baixaste a dar-me alento á fronte inanimada;

A ti, meigo arrebol, fulgor de intima aurora,
Que esparges no meu seio a tua luz divina;
A ti, a ti em fim, por quem de amor nest'hora,
Presinto na minh'alma um bem que me fascina;

Um canto venho erguer, não rico d'essas gaia
Que sabem dar á tela os filhos do talento,
Porém rico de crença, e de sinceras fallas,
Que possam exprimir d'esta alma o sentimento!

Se assim o conseguir, e tu, casta beldade,
Do meu debil preludio as vozes comprehenderes,
Feliz! oh bem feliz serei se com bondade,
No intimo do peito abrigo lhe cederes!...

*

Na expressão d'esses teus olhos
Existe tanta candura,
Que uma estrella, ainda a mais pura,
No seu meigo scintillar,
Não tem o enlevo, a poesia,
A seducção, a magia,
Que tu revelas, Maria,
No teu angelico olhar!

Oh não tem, e piamente
Creio, que esses dons sublimes
Com que d'alma nos exprires
O sentimento e candor,
São apenas concedidos,
Aos archanjos mais queridos,
Que no ceo vivem unidos,
Nos altares do Senhor!

Ben haja a mão protectora
Da divina Providencia,
Que o diadema da innocencia
Na tua fronte cingio!
Bem dita essa luz formosa,
Deslumbrante, e caridosa,
Que na tua alma extremosa
O seu brilho reflectiu!

*

Quando na terra os poetas
Deparam as peregrinas
Visões caudidas, divinas,
Dos seus sonhos ideaes:
De alegria arrebatados,
Nos alauds doirados,
Vibram-lhe hymnos repassados
De harmonias c'esthesias!

E eu que a ti presto o meu culto,
E consagro á tua imagem,
A reverente homenagem
Que os anjos prestam a Deus,
Deixa tambem que eu deslira,
Na minha modesta lyra,
As canções que o amor me inspira,
O' visão dos sonhos meus!

Alma gemea da minha alma!
Musa gentil, predilecta,
Que o meu estro de poeta
Irradiaz de fulgor;
Acucena perfumada,
Avesinha enamorada,
Que ao despontar da alvorada
Suspira, geme de amor.

Laseiro de intima esperanza,
Idilio meigo e risonho,
Aurora, esplendido sonho,
De sublime inspiração;
Mimosa e gentil bonina,
Fonte d'agua chrystalina,
Branda aragem matutina,
Sol da minha redempção!

Preludio de harpa sonora
Por alta noite tangida,
Cuja musica sentida
De amor nos faz delirar,
Alcione descuidada,
A recrear-se em balada,
Sobre a espuma juspada
Do calmo e cerúeo mar;

Limpida manhã de estio,
Orvalho que ás murchas flores
O perfume, o viço, as cores,
Faz de novo adquirir;
Biblia santa que folheio
Em horas de doce enleio,
E em cada pagina leio
O meu brilhante porvir;

Ceo azul todo esmaltado
De cambiantes estrellas,
Rosa bella, entre as mais bellas
Do meu virente jardim;
Noite cheia de fulgores!
Roseiral dos meus amores!
Borboleta de mil cores!
Que esvoaças junto a mim;

Desprende as doiradas azas,
Aras de condor ousado,
E n'um vôo, arrebatado,
Eia! leva-me ao teu ceo!
Leva-me ao grato aposento,
Por onde, a todo o momento,
Divaga o meu pensamento
Em busca de um riso teu!

Eu quero ao longe contigo
Enlevado em mago enleio,
Apoz de estreitar-te ao seio,
Abrir-te o meu coração,
Meu coração onde habita
Do amor a crença bendita,
E uma riqueza infinita
Da mais intima affeição!

Affeição, amor ardente,
Como aquelle que em segredo (*)
O cantor do Amor e medo
Dentro d'alma acalentou,
Esse poeta inspirado,
Que do seu idolo amado
O nome celebrisado
Em versos d'ouro deixou!

O mundo, onde as nossas almas,
Devem uma á outra unidas,
Quaes duas irmãs queridas,
Perpetuamente viver,
E' no mundo onde nasceste
Formoso archanjo celeste,
E onde em sonho me appareceste
Deslumbrante de prazeres!

E' nas regiões aéreas:
No solo das harmonias:
Dos sonhos, das phantasias,
Do amor, da crença e da luz!
E', meu anjo, finalmente,
N'esse empirio transluscente
Onde a lua e o sol ardente
Tem poesia que seduz!...

Desprende pois pressurosa
Casto nune idolatrado,
Por esse espaço azulado
Os teus vôos de condor!
Voa, e leva-me contigo,
Que eu do espaço affronto o p'riço,
Se me lebares no abrigo
Do teu seio doce amor!

MANUEL D'ALMEIDA

UMA NOITE NAS NUENS

POR

EMILE SOUVETRE

VERSÃO PORTUGUEZA

DE

JULIO DE MAGALHÃES

I

(Continuado de pag. 112)

—Feliz paiz! murmurou o companheiro dos irmãos Ritter, como fallando só consigo. Feliz paiz! em que o bom Deus concede ao homem os campos férteis, os rios navegáveis, e as montanhas povoadas de formosas arvores!

Miguel Ritter soltou um fundo suspiro.

—E mais feliz seria ainda, se o bom Deus não houvesse deixado logar para os processos e para as calumnias! acceescentou elle a meia voz.

O desconhecido voltou-se vivamente para o irmão de Florencia.

—Ah! ninguém sabe isso melhor do que eu! replicou elle.

—Tambem se vê na dura contingencia de defender os seus direitos perante os juizes?

—E contra um adversario que ha de empregar todos os meios para me despojar do que é meu.

—Tambem eu estou n'essas circumstancias, tornou Miguel Ritter. Se o veredictum dos juizes for favoravel ao meu contendor, perderei tudo quanto possuo!

—E eu, tudo o que me garantia o futuro.

(-) Casimiro de Abreu, auctor das *Primaveras*.

—O fructo do meu trabalho de muitos annos irá locupletar um homem avido e cruel...

—Todas as minhas esperanças ficarão annulladas em proveito de um hypocrita...

—Ah! são identicas as nossas posições, senhor, exclamou Miguel Ritter. Vejo que tem por adversa-

Os dois homens contemplaram-se durante alguns momentos com surpresa, e ao mesmo tempo com expressão de colera e de rancôr. Florença pareceu assustada.

—Faz o signal para descermos, Miguel, disse ella pousando as mãos sobre o braço do irmão.

—Desçamos, desçamos! balbuciou a pobre Florença aterrorisada.

—Pois sim, desçamos, disse Miguel Ritter. As explicações serão mais faciles estando em terra firme.

—E espero que serão decisivas, acrescentou Christiano Loffman com os dentes cerrados.



UMA RUA EM NARNI

rio um outro Christiano Loffman, e creia que o lamento do fundo d'alma!

—Christiano Loffman! repetiu o desconhecido. É esse o meu nome.

—O seu nome!

—O meu adversario chama-se Miguel Ritter.

—Sou eu!

Este porem não a ouvia.

—O que o sr. Christiano Loffman acaba de dizer do seu adversario é uma calumnia! exclamou elle dardejando para o seu interlocutor um olhar relampeante.

—O que o sr. Miguel Ritter acaba de dizer do seu contendor é uma falsidade! replicou o mancebo.

A campainha resouu, e os tres viajantes esperaram durante um momento em silencio. O aereostato porem continuou a pairar na mesma altura. Miguel Ritter puchou segunda e terceira vez o cordão da campainha, mas não foi mais feliz...

—Oh! o guarda deve ouvir-nos! murmurou elle fazendo resoar de novo campainha.

—O guarda não está lá! exclamou Florencia, que se conservára sobre a borda da barquinha para poder olhar para baixo.

—Lá chegam elles ao logar, de onde partimos...
Ai, meu Deus!
—Que é?

tudantes amotinados haviam cortado as cordas, que seguravam o balão, o qual, elevando-se com prodigiosa rapidez, depressa desapareceu.



A MORTE DO MINEIRO

—É verdade! disse Christiano Loffman olhando também para a terra. O tumulto continua. A multidão despedaça os bancos...

—Anda um grupo de estudantes percorrendo as aleas, e quebrando os lampiões...

—Vão cortar as cordas do balão!...

Os tres viajantes curvaram-se ao mesmo tempo sobre a borda da barquinha, saltaram um grande grito e agitaram as mãos; mas era já tarde...

Julgando que a barquinha estaria deeserta, os es-

Os tres companheiros de viagem, nos primeiros momentos, saltaram gritos afflictivos, e manifestaram por todos os modos a sua desolação; mas, logo

que perderam de vista o *Jardim da Cabana*, e por fim a terra, uma especie de tranquillidade, produzida mais pelo desalento do que pela resignação, succedeu ao seu justificado desespero. Todos tres permaneceram immoveis, silenciosos, paralisados...

E com effeito a situação dos tres pobres viajantes não podia ser comparada a nenhuma outra. Na maior parte dos casos, os perigos a que um homem se acha exposto, podem ser mais ou menos previstos por elle; mas ali tudo era perfeitamente imprevisito; ali nada havia a esperar da propria vontade e muito menos ainda do soccorro dos outros. Os tres companheiros achavam-se por assim dizer fora da esphera humana, sem previsões possiveis, e condemnados á coragem passiva que faz esperar a morte, sem que mesmo devesse adivinhar qual o momento em que ella ha de verificar-se.

A pobre Florencia, semi-morta de terror, tinha escondido o rosto de encontro ao peito do irmão, o qual, dominado como estava tamhem pela angustia d'aquella posição terrivel, não encontrava palavras com que pudesse incutir-lhe coragem.

Christiano Loffman, assentado na outra extremidade da barquinha, parecia menos perturbado, e lançava de espaço a espaço um olhar de profunda compaixão para os irmãos Ritter; mas a recordação da inimizade, que existia entre os dois homens, e dos insultos que momentos antes haviam dirigido um ao outro, enchia ainda aquellas duas almas, e mantinha-as afastadas uma da outra, mesmo no meio d'aquelle temeroso perigo, que era commum.

No entretanto o balão, abandonado ao impulso das brizas da noite, fluctuava no espaço ao acaso, ora fendendo rapidamente o ar, como uma andorinha que voa para o ninho, ora pairando sobre as montanhas, como um abutre, que pára para cabir sobre a preza. De momento a momento os dois homens curvavam-se para olharem para a terra, e avistavam então, no fundo d'aquelle abismo de trevas, umas luzes tremulas e confusas que lhes indicavam as povoações e os casas.

A pouco e pouco, porem, foram desaparecendo aquelles derradeiros vestigios da terra. O balão havia atingido as regiões mais elevadas, e o ar tornava-se de momento a momento menos denso. Os nossos tres viajantes começaram a sentir-se oppressos; repercutiam-se-lhes nos ouvidos uns ruidos surdos e confusos; dolorosas palpitações lhes faziam latejar as veias; o ar, que era cada vez mais frio, gelava-lhes os membros entorpecidos.

Florencia, cujas forças estavam esgotadas, deixou-se escorregar até ficar quasi acocorada aos pés do irmão.

—Que é isso, Florencia? exclamou Miguel Ritter.

—Quero dormir, murmurou a donzella com voz mal distincta.

—Não, não! replicou Ritter assustado. Dormir n'estas circumstancias é morrer! Levanta-te, levanta-te...

Mas a pobre Florencia ficou immovel.

—Florencia! bradou Miguel com angustia. Valhame Deus! já me não ouve... E não tenho meio algum de a aquer...

—Agasalhe-a com esta manta... disse uma voz junto d'elle.

O irmão de Florencia ergueu a cabeça, e viu que Christiano Loffman estava tirando de sobre si uma especie de pellica, em que tinha o tronco embrulhado.

—Mas... e o senhor? perguntou Miguel Ritter surprehendido.

—Nós, que somos mais fortes, podemos soffrer, replicou Christiano desdobrando a manta.

Os dois homens embrulharam n'ella a pobre Florencia. Na occasião em que estavam entregues a esta tarefa, a mão de Miguel Ritter tocou a do manco, e apertou-a com arrebatamento.

—O que acaba de fazer, senhor, resgata tudo! disse elle. Creia que me arrependo agora de haver pronunciado palavras, que pudessem offender-o...

—Não tem de que se arrepender, replicou Loffman com intima commoção. Maior censura me cabe a mim...

—Sejamos pois indulgentes um com o outro, tornou Ritter. Depressa seremos chamados a justificar perante Deus os nossos sentimentos e acções...

Pois bem! antes que chegue a hora suprema, lancemos para longe de nós o rancôr, que professamos um pelo outro.

—O meu já não existe! exclamou Christiano Loffman. E a prova é que lhe offereço a minha mão como amigo, Miguel Ritter...

—Como tal a accetto, Loffman, replicou Miguel com affectuosa effusão. Estavamos ambos enganados; julgámos mal um do outro pelo simples facto de termos interesses oppostos, e caluniamos-nos reciprocamente por não nos conhecermos... É isso o que frequentes vezes acontece entre os homens: os odios, que teem uns pelos outros, proveem em geral de ignorancias ou de equívocos. Devemos bendizer a Providencia, que nos reuniu na hora suprema para podermos apresentar-nos sem fel no coração perante o tribunal da eterna justiça!

—Quero acompanhar-te n'essa acção de graças, Miguel, disse Florencia, que conseguira reanimar-se.

—Sim... Perdoe-nos Deus, como nós perdoamos! exclamou Ritter estreitando a irmã de encontro ao coração.

Os dois homens descobriram-se, e aquellas tres almas confundiram-se em uma prece commum.

No momento em que a concluiram, um pallido clarão coloriu o oriente; era o dia, que começava...

O vento, que até então os impellira para as regiões mais elevadas, abrandou repentinamente, e o balão começou a descer vagarosamente. Nos corações dos tres viajantes surgiu uma leve esperança.

De mais a mais a reconciliação tinha-lhes levantado um pouco os espiritos. Isolados como primeiramente estavam pelo odio, só em si proprios tinham apoio e conforto; ao passo que podiam agora amparar-se e proteger-se mutuamente.

O sol começou por fim a erguer-se no horizonte e os tres viajantes depressa avistaram os campos.

Foi para elles como que uma resurreição; agora affigurava-se-lhes que já não estavam sós n'aquelle abismo de trevas, em que durante toda a noite haviam fluctuado... O sol brilhava; a terra existia ainda! Agora avistavam os rios, as montanhas, as povoações...

O balão continuava a descer vagarosamente.

Por fim os tres viajantes puderam distinguir os campos, as casas, e até os vultos humanos. De subito Miguel Ritter soltou uma exclamação de jubilo. Acabava de reconhecer Loerrach, e, um pouco mais longe, a sua aldeia e os seus campos! O vento impellia-os para aquelle lado, e o aerostato depressa adejou por sobre os prados, que correm no sopé das collinas.

Florencia soluçava dominada por intima commoção: distinguia o telhado da sua casinha, o bosque-sinho de arvores onde ia assentar-se e trabalhar todos os dias, e o pequeno regato que corria em voltas caprichosas em redor dos rochedos, que forma-

vam uma especie de ilha. O proprio Miguel Ritter chorava commovido.

(Continua):

HORAS D'OCIO

Anagramma

A's direitas, meu leitor,
Demanda que causa damno,
A's vexas encontrarás
Um magistrado romano.

A. MARQUES GUEDES.

Fantasia arithmetica

Qual é o numero cujos 2/3 são iguaes aos 3/4 menos 6?

OCIOSOS DE CAÇADORES 4.

Charadas novissimas

(A MASCOTTE)

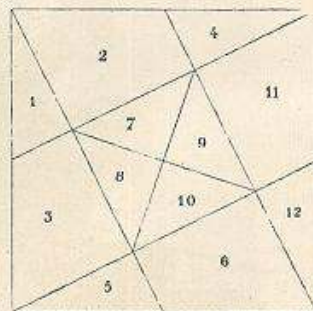
Esta cidade, em Aveiro é uma festa — 2, 2
Aqui este appellido é um animal — 1, 2
Não é boa no lume e no marco é sem juizo — 1, 1, 1
Nas feras esta nota é uma vasilha — 2, 1
Na Baviera esta pedra come-se e é um peixe — 1, 2
Acha ao acaso no buzio esta pedra — 2, 1
Da China em premio esta ilha — 1, 1
Este assucar no rio illumina — 2, 2
Em julho esta mulher é nome proprio — 1, 2
Aqui esta vasilha cobre-nos — 1, 2
Olha o codigo em Roma como corre — 1, 1, 1.

SIMÃO XL.

Soluções dos problemas do n.º 11

Embrulhada lexicologica — Wordsworth, Isocrates, Empedocles, Locke, Anacreonte, Nævio, Darwin. Com as iniciaes forma-se Wieland.

Problema geometrico:



Enigma anagrammatico — Leiria. Tirando-se o rei fica Lia, mettendo-se um boi do Lacio (boi em latim bos) fica Lisboa.

Anagramma — Era e Are.

Solução do n.º 10, que ficou atrasada

Fantasia arithmetica — O pae tinha 60 annos, a mãe tinha 56, o filho tinha 36.

Soluções certas

Embrulhada lexicologica — Elisa Basto, Juanito, B. C. (Vianna do Castello), Edipo, Um figurão de Thebas que escapou da esphinge, Monge de Osseiras, (Pitões de Juuias), Mascotte.

Problema geometrico — Ayde (Vizeu), Elisa Basto, Hamlet (Merceana), Mascotte.

Enigma anagrammatico — Edipo, Juanito, Benedicta Barros (Setubal).

Anagramma — Ayde (Vizeu), Elisa Basto, Hamlet (Merceana), Edipo, Mascotte.

Fantasia arithmetica — Ociosos de caçadores 4 (Tavira), Hamlet (Merceana), Edipo, Teniers (Santarem).

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROÏNA DO MAL)

(Continuado de pag. 104)

IV

E' de todo em todo impossivel exprimir a anciedade dos tres personagens, que cercavam o leito.

Heitor Valenson mal podia respirar, e não despregava os olhos de cima de Courbousson, que permanecia immovel, tapando a cara com a mão direita.

— Sargento! sargento! falla! anda! exclamou por fim o mutilado.

Nada de resposta.

João Rotentout aproximou-se do leito e disse:

— Parece morto.

— Não é possivel, acudiu Valenson. Deus não ha de permittir que elle leve para a cova tão infame segredo.

N'esta occasião entrou o medico chamado na vespéra, olhou para o doente, e deixou ouvir as palavras:

— Eu já o esperava.

— Está morto? perguntou Morlant.

— Não pôde haver a menor duvida.

— Oh! fatalidade! murmurou Valenson. Sei que Monaville e San Marco eram espiões do inimigo... que nos armaram um laço... mas as provas! as provas! Courbousson era quem podia dar-m'as.

Valenson, muito consternado voltou para o seu quarto em companhia do advogado, e João principiou a tomar as providencias, que a morte do sargento reclamava.

Depois do meio dia o criado appareceu diante do patrão com uma carteira.

— Isto encontrei eu na algibeira do defunto.

O advogado recebeu a carteira, foi tirando diversos papeis, e lendo sem que a sua physionomia indicasse coisa alguma extraordinaria. De repente exclamou:

— Isto é importante! leia.

— Letra de San Marco! exclamou Valenson. Uma carta dirigida a Monaville. Isto prova exuberantemente o mister, que exerciam no exercito francez aquelles dois infames.

— Ainda mais, disse o advogado mostrando outro papel.

— A resposta do visconde! Temol-os nas mãos!

— E' bastante para nos convencermos; mas em direito é insufficiente. Todavia na carta do italiano falla-se da mãe Pêchel. Isto leva-me a crêr que se trata da mãe do visconde, e que este usa de um titulo falso. Infelizmente não se percebe bem o nome da terra em que ella morava; mas é já um ponto de partida.

— Amigo Morlant, disse Valenson; na impossibilidade physica, em que me encontro, peço-lhe que me auxilie a fim de que os dois criminosos sejam rigorosamente punidos.

— Era o que eu ia propôr-lhe, replicou Morlant. Sou completamente independente, conheço este genero de negocios, e protesto ajudal-o quanto me for possivel. Com o auxilio de Deus havemos de triumphar.

Decidiu-se que René Morlant partiria no dia seguinte para dar começo aos trabalhos.

V

Tres dias depois, batia o advogado á porta de uma casa de boa apparencia, situada na praça da Grêve em Nancy.

— Está em casa o sr. Verdinet? perguntou elle á criada, que veio abrir. Sendo-lhe respondido affirmativamente, conduziram-no a uma sala onde se achava um homem de sessenta annos pouco mais ou menos, de aspecto grave e serio.

Era o principal advogado da cidade. Tinha na mão o bilhete de visita, que Morlant lhe mandara entregar.

— Conheço perfeitamente este nome, e os seus triumphos nos tribunaes de Paris. Por isso folgo muito em conhecê-lo. O que o trouxe a Nancy?

— Desejo colher umas informações.

— Conte comigo em tudo o que eu puder.

— Tem noticia de uma familia de Monaville aqui por estas terras?

— Fui muitas vezes advogado do visconde Emiliano.

— Elle e a mulher morreram ha muitos annos... Mas conheceu um filho que tiveram?

— Pouco. O velho visconde tornou a casar, e muito mal. O filho tendo completado a sua educação, foi viajar, e só voltou ha poucos annos para receber a herança paterna, o castello de Boulture, que vendeu logo. Tornou a partir para a Suissa, onde dizia que habitava... É só o que sei; mas o tabellião Dunoyer pode com certeza dizer-lhe mais.

D'ahi a um quarto de hora, Morlant estava em casa do tabellião, que vendera o castello de Boulture por conta do proprietario, cujas qualidades encareceu: um homem elegante, muito bem educado, de sentimentos generosos, fallando varias linguas, especialmente o italiano, com a maxima perfeição.

— Havia muito tempo que elle estava ausente do paiz? perguntou Morlant.

— Havia.

— Apesar d'isso poudes provar a sua identidade?

— Porque o pergunta? tornou o tabellião muito admirado. Tem razões para isso? Pois pode acreditar no que lhe digo.

Morlant tirou da algibeira um retrato de Donaciano com o uniforme de franco-atirador.

— Ora diga-me: conhece esta cara?

Dunoyer poz os olhos, e disse:

— Elle não tinha barba; e o uniforme desfigura muito... As feições contudo parecem-se. Mas por quem é, responda-me: o que o leva a fazer estas perguntas?

— Não posso explicar-me por enquanto; creia porém que procedo em virtude de motivos serios. Peço licença para mais uma coisa. Conhece algum em Nancy, que se correspondesse com Donaciano de Monaville em vida de seu pae, e que possuia cartas d'elle?

Dunoyer reflectiu um bocado, e murmurou:

— Ha uma velha governante, que era muito sua amiga, e a quem elle escrevia frequentemente. Eu lhe digo onde mora.

Morlant dirigio-se logo a casa da mulher, que lhe mostrou um maço de cartas de Donaciano de Monaville, e até lhe confiou algumas. Comparadas estas com as que Valenson possuia, não apresentavam a mais leve semelhança; mas entre as épocas havia um intervalo de quinze annos. As cartas eram quasi todas datadas de Termini, na Secilia; e, vendo isto, o advogado sorriu como quem experimenta uma certa satisfação.

Apezar de tudo, quando Morlant voltou ao castello de Touy, disse a Valenson:

— Meu amigo, estamos ainda em trevas, mas ha-de fazer-se luz, e assim é fora de duvida que o sujeito, que se intitula Donaciano de Monaville, é um audacioso impostor. Conheço em Termini um homem de confiança, a quem vou escrever, e d'amanhã em diante empregarei os meios de descobrir a mãe Pêchel, porque pude decifrar na carta de San Marco o nome da aldeia, em que ella vive. É uma aldeia chamada Bacheru, na Saboya.

— Bacheru! exclamou João Rotentout; conheço; é perto da minha terra.

— Bella coisa! disse o advogado. Pois tu é que has de ir colher informações.

— Prompto. Quando devo partir?

— Quando quizeres.

Rotentout partiu no dia seguinte, e pouco tempo depois chegou a Bacheru.

Amigo dedicado de seu amo, orgulhoso de poder contribuir para desmascarar o criminoso, teve uma grande decepção, quando soube que a mãe Pêchel saíra da localidade havia já alguns mezes, sem dizer a ninguém para onde ia.

Disseram-lhe que uma viuva já idosa, Anna Pêchel, herdara de um inglez, de quem era criada, alguns mil francos, e casara com um rapaz da Saboya. O marido foi um dia trazido para casa morto com duas balas, sem que nunca se pudesse descobrir o assassino.

Soube-se mais tarde que a viuva não vivia só, mas que em sua casa morava um homem novo, bem vestido, que, segundo ella dizia, era seu sobrinho.

O modo de trajar e as despesas que fazia o elegante moço, davam ideia de que a sua fortuna experimentava grandes fluctuações. Umavez parecia um lord irreprehensivelmente vestido, e gastando á larga; outras vezes tinha o aspecto de um miseravel, e vivia como quem estava com as algibeiras vazias. E a mulher dizia sempre que elle vinha visitá-la: meu sobrinho está sem emprego, e chega-se para ao pé de mim.

Passaram-se muitos annos sem haver noticias de Claudio: era como a tia o tratava. Um dia appareceu com tudo o que é proprio dos ricos: numerosas bagagens, optimos cavallos, etc. Acompanhava-o um amigo muito trigueiro, que parecia mais velho e de posição igual á sua, posto que se mostrava por extremo obsequioso e servil. Esteve apenas dois dias em casa de Anna Pêchel, que logo deu parte de que o sobrinho ganhara um fortuna e viera propôr-lhe que fosse morar com elle, o que não tinha accetado, porque detestava as grandes cidades.

Claudio nunca mais voltou a Bacheru, e quando correu voz de que a viuva tinha vendido tudo quanto possuia, calcularam todos que ia viver em companhia do sobrinho.

Foi contudo geralmente notado o silencio absoluto acerca do lugar onde ia fixar a sua residencia.

João Rotentout imaginou logo que o tal personagem era o visconde de Monaville, e começou a dar tratos á sua fecunda imaginação.

Mostrou aos aldeãos a photographia de Donacia-

no vestido de franco-atirador, e uns reconheciam perfeitamente Claudio, outros não achavam a mais pequena semelhança.

Estas pesquisas causaram espanto em Bacheru, e mais tarde veremos como o interessado teve conhecimento d'ellas.

VII

René Morlant ouvindo as informações trazidas pelo emissario exclamou:

—É elle, não ha que ver!

—Admittindo porém que seja o filho ou sobrinho de Anna Pêchel, o que é certo é que elle tem uma fortuna regular, disse Valenson.

O negociante de Termini respondeu ao advogado mandando as informações pedidas, e remetendo um livro publicado em Palermo, mas escripto em francez, por um viajante da Sicilia.

Posto que René Morlant, quando o encontrámos com João Rotentout, em Bruxellas, estivesse convencido de que o visconde de Monaville era Claudio Pêchel, julgou, contudo, que precisava de mais provas, e como homem de consciencia quiz salvar Paulina do abismo; mas um erro material fez com que ella não recebesse a mensagem.

Durante esse tempo Donaciano e a mulher percorriam a Suissa.

Paulina participou á familia que em breve regressaria, communicando-lhe os projectos de Donaciano, projectos que os Desherbiers contaram a Celestina, e de que ella informou logo René Morlant. Este, depois de estudar o caracter da hospedeira, referio-lhe a vida do marido de Paulina, e pediu-lhe que o auxiliasse—imagine-se por que preço—na execução dos seus planos.

Regressaram os viscondes, e a primeira visita de Paulina foi á casa de Celestina.

Morlant estava então em Touy, e era esperado a todo o momento. Quando Celestina dispunha tudo nos quartos do advogado, appareceu-lhe a amiga, e depois de larga conversação a dona da casa precisou



UM PASSADO TENEBROSO.—A boceta de Pandora

—Mas como está de posse d'ella? replicou Morlant. Eis a dificuldade; mas ha de resolver-se. Vou escrever a um rico negociante de Termini, que me deve alguns favores, pedindo-lhe informações do visconde, que viveu n'aquella cidade.

Pouco depois Morlant recebia uma carta de Verdinet, dizendo-lhe que Donaciano de Monaville estava então em Givet.

O amputado tremeu todo de alegria com esta noticia. Estava descoberto o paradeiro do criminoso. Assim se explica a presença de Morlant em Hastière, e o modo como elle poudo descobrir em Bruxellas primeiramente os Desherbiers, depois Monaville e San Marco.

VIII

Morlant encontrou um dia Celestina de Trénoy, que já conhecia de Paris.

Na longa conversação, que tiveram Celestina fallou dos Desherbiers, e disse que para ter meio de viver, alugára uma casa, e sublocara os quartos a pessoas honestas.

O advogado comprehendendo quanto lhe poderia ser util esta mulher, escreveu a Valenson explicando-lhe os motivos porque se demorava em Bruxellas, e n'essa mesma noite foi habitar a casa de Celestina de Trénoy, onde vivia unicamente com os seus livros.

de dar umas ordens, sahio, e deixou Paulina. Esta abriu um livro que se intitulava: *Tres annos na Sicilia*, pelo Marquez G. de B. Abrio e deparou com o nome de Donaciano de Monaville.

Nesse momento entrou Celestina:

—Que foste fazer! O hospede não quer que lhe mexam nos livros!

E com grande supreza de Paulina, tirou-lhe o livro, metteu-o n'um armario e trouxe a amiga para fóra do quarto, dizendo:

—Parece-me que é o sr. René.

(Continua)